

A VIDA CENTENÁRIA DE EDILA

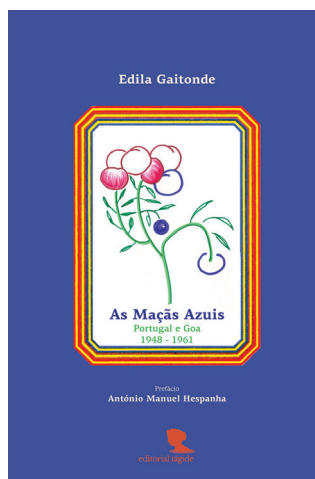


“...e, assim, de uma forma galopante cheguei aos 100 anos!” (Edila, Outubro 2020)

Sabe-se hoje que os motivos que trazia *dentro de si* para tão intenso gosto de viver só poderiam caber numa vida longa. Podendo assim enfrentar a linha de continuidade das *transgressões positivas* que trilhou. Um percurso por onde cumpriu sonhos, através de tantas circunstâncias adversas, que nunca dramatizou. Uns e outras, são o grande património da sua História de Vida.

3/11/2020. Edila faz hoje 100 anos. A AAALH dá-lhe os parabéns e assinala nesta Nota de Homenagem e com grande prazer este dia memorável. Chama-se Edila Brum Dutra de Andrade e também Gaitonde pelo 1.º casamento. É faialense. Nasceu na Horta. Antiga Aluna, entrou para o Liceu em 1931. Abalou em 1943 para estudar em Lisboa. Levava a grande vontade de lutar pela vida que desejava. A partir da Música. E guardava também o impulso das memórias do Faial. Do ambiente cosmopolita do tempo da Grande Guerra e das colónias das companhias estrangeiras dos cabos submarinos. Do convívio com a natureza, das recordações do mar e do assombro de todos os dias ao contemplar aquela que considera a *vista mais bonita dos Açores* – o Pico visto do Faial nas suas mudanças de cor e da Lua a nascer lá detrás mesmo do alto, pelo meio de Agosto.

Só conhecemos Edila quando já tinha passado os 90 anos! Impressionou-nos no lançamento da sua obra *Maçãs Azuis* na Sociedade de Geografia de Lisboa e também no Faial. São raros o vigor e o entusiasmo com que viveu aqueles momentos e nos mostrou uma narrativa autobiográfica sem alardes de qualquer tipo. Um quase romance histórico, onde, de forma simples e serena, descreveu como viveu e se integrou noutra cultura, a indiana. Acompanhou intensamente a luta política do seu marido. *Um amor à primeira vista* por Pundlike Gaitonde, médico natural de Goa, empenhado em chamar a atenção do mundo para o movimento *freedom-fighters* pela libertação da sua terra do colonialismo português.



As Maçãs Azuis, 2011

Todas as vidas são originais mas nessa identidade a vida de Edila ganhou a sua diferença no espanto e na atenção que captou nas pessoas e nas paragens que cruzou. A coragem e a sensibilidade têm sido as suas marcas mais impressionantes, fundadoras de uma experiência longa e intensa.

Gostaríamos que a pequenez deste bosquejo biográfico não reduzisse o bom acolhimento à vontade de ler *Maçãs Azuis*, que vivamente recomendamos.

Retivemos algumas ideias que merecem mais ampla reflexão biográfica:

- Tudo começou nos diálogos contra o conservadorismo de uma Terra pequena e na resistência à força das memórias de uma juventude feliz.
- O sonho profissional, iniciado no *dom* herdado e nos primeiros passos na música no Faial, terá sido conseguido. Primeiro, no salto para o Conservatório e nos complementos para ser professora, de-



Depois do Faial, no Conservatório de Lisboa

pois num percurso muito duro na Índia (Goa, Bombaim e Nova Deli) vencendo oposições contra a *sua* música ocidental e, ainda, num longo trajecto em Inglaterra, com variantes (ex. o curioso projecto dos 3B's, Bach, Beethoven e Brahms). A determinação *deu-lhe* sempre uma postura de grande autonomia. Recordamos o seu pai, o Professor Júlio Andrade, figura de referência na cultura faialense.

• No plano político a sua experiência com todos, de um lado e do outro, das maiores figuras da União Indiana e da Oposição Portuguesa, abriu-lhe uma respeitável auréola de prestígio. A historiografia dos movimentos da descolonização do império português terão certamente dados e quadros de análise a recolher de Edila Gaitonde.

• O grande elogio ao seu percurso centenário desponta com diferentes expressões em vários espaços. Mas, queremos tomar boa nota do grande elogio que representaram os convites para intervir em situações relevantes, como no Museu do Aljube Resistência e Liberdade, na Fundação Oriente e até em instituições indianas.

Edila fez *tudo* com paixão. A decisão de partir, a escolha da profissão, a adaptação às circunstâncias, os desafios de um casamento multicultural, o amor solidário no combate político, a dedicação à escrita e o afecto que a ligou aos 90 anos ao primeiro amor de quando eram alunos do Liceu da Horta.

Numa homenagem recente apresentou o essencial dos *grandes tempos de passagem* da sua História de Vida que nos apraz recordar neste dia dos seus 100 anos destacando a forma singela que utilizou:

“É faialense / partiu com a família para Lisboa para estudar Música / conheceu por motivos de saúde um médico em 1944 e casaram em 1948 / foram para Goa donde ele era natural/ ficaram 6 anos / enfrentaram grande turbulência política / viveu 48 anos em Inglaterra / onde o marido morreu em 1992 / durante os 17 anos de viuvez viajou muito e escreveu muito, 3 livros e as suas traduções / em 2008 reencontrou um grande amor da adolescência, António Perry Nava / casaram em 2010 – *foi uma década de grande felicidade... e, assim, de uma forma galopante cheguei aos 100 anos*”.